

Os critérios e a metodologia da sociolinguística no levantamento e na análise da contribuição das línguas africanas às variedades do português vernáculo brasileiro

Catherine B. Kempf¹

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Oziel Marques da Silva²

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Introdução

O presente ensaio pretende tão-somente ser uma reflexão – que julgamos necessária no estado atual da "arte" – sobre o embasamento e a elaboração dos critérios lingüísticos e sociolingüísticos que deveriam nortear os levantamentos e as análises que pretendemos fazer no que diz respeito ao vocabulário e aos eventuais traços lingüísticos característicos da(s) variedade(s) brasileira(s) do português, variedade essa que se desenvolveu e foi elaborada pelos falantes em mais de quatro séculos dos mais diversos contatos de línguas neste extenso território – neste “eco-sistema lingüístico” - chamado "Brasil".

Variação e mudança: as contribuições das diversas vertentes da sociolinguística

A definição – delimitação - do “objeto” do conhecimento é o problema central de toda ciência, e a história da lingüística enquanto ciência da língua(gem) mostra que isso não é "ponto pacífico": das considerações histórico-filosóficas de Humboldt ou de Herder³ do início do Século XIX às leis das mudanças fonológicas dos neo-gramáticos do fim do mesmo Século, a lingüística – a ciência da linguagem - era vista essencialmente como ciência da

¹ Professora Associada da Universidade Federal de Rondônia (UNIR/Campus de Guajará-Mirim). Doutora em Ciências da Linguagem (Strasbourg, 1998)

² Professor Assistente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR/Campus de Guajará-Mirim). Doutorando em Lingüística Africanista na Universidade Agostinho Neto (Luanda, Angola)

³ Humboldt levantando a hipótese da relação entre forma lingüística e forma de pensamento, bem antes – e talvez numa formulação bem mais adequada aos fatos levantados – do que Sapir e Whorf, e Herder refletindo sobre a origem da faculdade de linguagem, atributo do ser humano.

história das línguas, presa a todos os delírios ideológicos de um século colonialista e racista.⁴

O enfoque começa a mudar no fim do Século XIX, graças em particular aos dialetologistas⁵, e quando Saussure – na linha de raciocínio de Durkheim – define a língua como fato social, a lingüística finalmente se “desmembra” da filologia.

Estas considerações levam ao “porquê” da “briga” entre estruturalistas e gerativistas: a competência de um falante nativo ideal, monolíngue e/ou monodialetal, numa comunidade de fala homogênea, falante de uma língua que não “sofre” variação, é uma “visão” idealista demais para poder dar conta tanto da língua como fato social como de todas as implicações da função social da língua(gem)⁶, a começar pelo próprio surgimento da faculdade de linguagem na filogênese e na ontogênese do ser humano. Em suma: para entender “o que falar quer dizer”⁷ é necessário trabalhar ao mesmo tempo a dimensão neuropsicológica individual do fato “língua”, e a sua dimensão social. Melhor, aliás, seria dizer, para maior clareza: as dimensões sociais das funções da língua, já que a função identitária da língua, garantia da coesão e perpetuação do grupo (da comunidade de fala), e a função ilocutória, garantia do êxito da interação verbal (da comunicação), de certa forma incluem todas as outras funções⁸.

Assim, o “surgimento” da sociolingüística pode ser visto também como resposta ao gerativismo: a afirmação da variabilidade como traço intrínseco de toda e qualquer língua, a possibilidade de “medir” essa variação com as ferramentas valiosas que a sociolingüística desenvolveu, de mostrar e quantificar o seu papel social, “medindo” a co-variação entre fenômeno

⁴ Com línguas “primitivas” e línguas “evoluídas”, entre outros gracejos.

⁵ Com menção especial de Schuchardt

⁶ Ou, para citar Tarallo & Alkmin, In : Falares crioulos e línguas em contato , 1987, SP, Ática, p.21 : (...) *Perde-se (...) a estabilidade psicológica do modelo e se defronta com a instabilidade social da língua.*(sic)

⁷ Bourdieu apoia-se em trabalhos de filósofos analíticos da linguagem, como Austin, para propor um livro sociolingüístico, *Ce que parler veut dire* (1982), no qual ele desenvolve uma análise dos enunciados performativos: quando dizer é fazer. *Ce que parler veut dire*. Paris: Ed. de Minuit, 1982. (cf. Maria Drosila Vasconcelos, BOURDIEU: A herança sociológica revista@cedes.unicamp.br)

⁸ cf. a análise proposta em Kempf & Barbery, 2001, Consciência lingüística e “mistura” de línguas, PAPIA 11, p 64-73

lingüístico e fenômeno social, de certa forma põem em xeque os axiomas do gerativismo de primeira geração. Além do mais, a contribuição da sociolingüística laboviana foi e é essencial, porque, no plano pedagógico, ela permite solapar o preconceito lingüístico inerente à dominação de classe numa sociedade como a nossa, mostrando o como e o porquê sincrônico e diacrônico da variação, assim como a ilegitimidade da noção de “erro” quando aplicada a um falante nativo; trabalhando com os conceitos de tempo real e tempo aparente, alcança uma dimensão sócio-histórica que permite também avaliar – entre outras coisas – o momento em que uma variação tende a se tornar mudança.

Mas os parâmetros e critérios que norteiam a sociolingüística laboviana – resumindo: sexo, idade, classe social, nível de renda (um refinamento do critério “classe social”), nível de estudo, atividade (“trabalho”) – talvez sejam adequados às áreas urbanas⁹ das sociedades ocidentais, mas nem sempre se aplicam em comunidades de fala cuja identidade é construída e constituída por parâmetros que levam em conta a relação à terra, à ancestralidade, à religião, à etnicidade; assim, a vertente sociolingüística que trabalha com a noção de consciência lingüística, levando em conta teorias, métodos e critérios elaborados pela dialetologia¹⁰, desenvolveu técnicas de levantamento e de análise de dados, as vezes chamadas de “qualitativas”, em oposição à metodologia “quantitativa” do modelo laboviano, mais adequadas a um levantamento de dados em populações “típicas”, ou “ágrafas” e outros apelidos mais, em suma: em sociedades, grupos e comunidades de fala cuja história e estruturação no mínimo se situem às margens das sociedades dominantes de modelo ocidental. Ademais, o simples fato da pertença de um mesmo indivíduo (de um falante) a várias comunidades de fala já leva a questionar a adequação

⁹ O próprio Labov (1982, p.31) deixa bem claro que é da estrutura sociológica da comunidade pesquisada que se despreendem esses critérios.

¹⁰ Em especial catalã e alemã.

do modelo laboviano¹¹ às situações de contato(s) de língua(s), de poliglossia e de diglossia.

A maioria dos sociolinguistas da linha laboviana trabalha como se não existisse *continuum* lingüístico, como se fosse fácil delimitar (desenhar fronteiras para) diversas línguas e (dia)letos em contato, quando o monolingüismo é a exceção, enquanto que o multilinguismo (e a variação poliletal) é a situação mais difundida nas comunidades de fala atuais; esse multilinguismo implica uma competência poliletal e uma gramática panletal do falante (i.e., uma gramática de dia-sistema que desse conta de todas as ocorrências atestadas e/ou possíveis numa dada língua ou para um dado falante)¹²; implica também em contato de línguas ou de letos como sendo a situação “corriqueira”, “normal” para a maioria dos falantes.

Nesta linha de reflexão, a contribuição de Bourdieu (“Ce que parler veut dire”) é essencial: os conceitos de *capital social*, *capital cultural* e *capital lingüístico*, e a definição do que convém entender por *mercado lingüístico*, entre outros, permitem uma análise mais fina das interações verbais, na linha de análise proposta pela sociolinguística interacional, vertente e prolongamento da etnografia da comunicação.

Cabe mencionar aqui a contribuição da crioulistica,¹³ cujo questionamento central poderia ser resumido da seguinte forma: o que, exatamente, podemos dizer hoje da famosa “faculdade de linguagem”, transmitida geneticamente e desenvolvida por cada criança que aprende a falar, e evidenciada por cada povo que desenvolve um novo meio de comunicação (uma nova língua) quando ele é privado do meio que deveria ter herdado? É a través do contato de línguas que surgem as línguas crioulas –

¹¹ Numa versão “simplificada” que o próprio Labov recusa quando ele define uma comunidade de fala como sendo uma comunidade cujos membros compartilham as mesmas atitudes em relação à língua, e não necessariamente “que falam da mesma maneira”.

¹² Estudos dialetológicos acerca do português brasileiro mostram o quanto é ilusório querer definir com precisão zonas dialetais no Brasil, na medida em que estabelecer limites seguros que reconheçam onde começa e onde termina uma variante é extremamente complicado. A dificuldade é ainda maior quando se trata dos dialetos sociais.

¹³ Derek Bickerton e o problema do “bioprograma” mereceriam aqui uma análise mais acurada.

mas neste caso, todas as línguas atualmente faladas não seriam de fato crioulas ?

A velha guerra (Tereza Batista cansada...) entre aqueles que pregam que “tudo está nos genes” (cf. os neo-darwinistas norte-americanos e o darwinismo social) e aqueles que acham que “tudo é adquirido” (no grupo, na cultura, na sociedade) já recebeu resposta dos próprios neurobiólogos: a genética fornece a “base”, e a estruturação do cérebro se faz através da contribuição da sociedade envolvente, na medida em que a criança vai desenvolvendo as suas capacidades (e a “Sprachfähigkeit” é uma das capacidades fundamentais do ser humano). A crioulística, nesse contexto, já teve e ainda vai ter um papel importante na descrição, no levantamento de dados, e na formulação de hipóteses a respeito da aquisição, da mudança, do contato de línguas e da função social da linguagem.

Assim, a sociolinguística mostra o como e o porquê sincrônico e diacrônico da variação através do fenômeno da co-variação; mas é a análise propriamente linguística dos fenômenos de variação e de mudança que levanta uma série de questionamentos – e que dá pistas para entender melhor porque a variação é “intrínseca” às línguas.

Vale lembrar aqui que a linguagem humana se caracteriza pela dupla articulação, e que ela se rege por dois princípios fundamentais e antagônicos, que são a economia (parcimônia) (dos meios usados para alcançar um fim, fim que é concomitantemente a expressão de um pensamento e a transmissão deste pensamento ao interlocutor)¹⁴ e a distintividade (ou “não-ambiguidade” da mensagem conforme as intenções do falante).

Vale lembrar também que mudança e variação obedecem a regras linguísticas “internas” (essencialmente fonético-fonológicas, mas não exclusivamente), favorecidas ou entravadas pela lei da economia e a lei da

¹⁴ Não queremos com isso reduzir a função da linguagem humana (a “língua”) à “comunicação” num sentido banal : quando Bourdieu escreve “O que falar quer dizer” é para mostrar justamente que, entre o dito e o não-dito, a maneira de dizer e a escolha do que dizer, a língua oferece meios aos interlocutores para se “situarem” e “agirem” dentro do contexto de enunciação.

distintividade, e que, ao mesmo tempo, elas são favorecidas ou entravadas pelos contextos sócio-históricos de ocorrência.

Assim, consideramos que as situações prototípicas de variação levando à mudança podem ser, de maneira resumida, apresentadas da seguinte forma:

- 1. **separação** de um grupo, de fala relativamente homogênea, em dois ou mais grupos que se afastam no espaço (movimentos migratórios de todo tipo, que povoaram a terra); essa separação leva à divergência: a distância no tempo e no espaço vai permitir o desenvolvimento de línguas distintas (ruptura do continuum lingüístico).
- 2. **contatos prolongados** entre línguas distintas (com a formação de comunidades bilíngües) que levam à mescla e à convergência (“Sprachbund” ou cluster)
- 3. **dominação** de um grupo sobre outro, que pode levar à substituição (de uma língua por outra); essa "substituição", em geral, deixa rastros : a "glotofagia" integra à língua dominante traços (morfológicos, lexicais e semânticos) da(s) língua(s) que foi (ou foram) absorvida(s).
- 4. enfim, em situações de “**catástrofe**” social e lingüística (contextos de surgimento das línguas crioulas das Américas) a criação de uma nova língua a partir dos parcos “inputs” (lexicais essencialmente) fornecidos pela língua dos preadores¹⁵.

Ora, a história “lingüística” do Brasil fornece exemplos para cada uma destas situações – senão, vejamos: antes mesmo da “invenção” do Brasil (cf. Darcy Ribeiro), a variação dialetal ibérica já era notável, e ela foi transplantada para as Américas, fato que levaria a questionar a maneira como foram usados os conceitos de substrato, superstrato e adstrato nas análises das constelações lingüísticas que se criaram no decorrer das colonizações ibéricas (separação e divergência); sem esquecer que, chegando nas Américas, os colonizadores encontraram ecossistemas lingüísticos constituídos pelas línguas ameríndias, ecossistemas nos quais interferiram de maneira violenta (contatos

¹⁵ Do verbo “prear”: aprisionar, capturar, escravizar.

prolongados, mescla e convergência: as Línguas Gerais, o Nheengatu, a Media Lengua); que a presença e a atuação lusa na África tem os marcos da violência escravista e da conseqüente entrada coagida dos africanos no “Novo Mundo”; que as origens geográficas e lingüísticas dos povos africanos afetados pelo tráfico negreiro são múltiplas e em muitos casos mal conhecidas (catástrofe social e lingüística : surgimento das línguas ditas crioulas e teoria da prévia crioulização); que a política lingüística praticada pelo colonizador português era de negação de qualquer direito lingüístico de quem quer que seja, e que essa política foi endossada e prorrogada pelo Império e pelas Repúblicas, e aplicada tanto aos já brasileiros do que aos imigrantes de toda procedência (dominação e substituição).

Desta maneira, qualquer trabalho de sociolingüística no Brasil requer um levantamento prévio destes contextos histórico-sócio-culturais, e o problema da variação e da mudança deixa de ser somente uma das expressões da luta de classe numa sociedade complexa, e se torna (ou volta a ser?) um dos aspectos :

- - **da história de um povo ou de uma comunidade de fala**
- - **da história da humanidade** (do “homo sapiens sapiens”), na encruzilhada entre antropologia, paleologia, neurobiologia, arqueologia, história e ciências conexas...

Modelização da formação do português brasileiro

Para a formação do português brasileiro dois modelos são atualmente propostos:

- A teoria da prévia crioulização¹⁶
- A análise das divergências (com o português europeu) como sendo conseqüências das mudanças que já estavam em progresso nos dialetos do português arcaico que foram transplantados para o Brasil (a “deriva”).

¹⁶ Cf. entre outros Dante Lucchesi, Holmes, e outros, para a teoria da prévia crioulização, Naro e Scherre para o segundo modelo.

Mas existe também um modelo alternativo: a acomodação lingüística entre as variedades de português arcaico e os falares de origem africana.¹⁷ A argumentação é a seguinte:

1. Alguns dos traços do português não-padrão brasileiro já estavam presentes no português arcaico. Considerando que a língua colonizadora levada para o Brasil foi o português arcaico em suas variedades regionais, essa seria a base sobre a qual qualquer mudança lingüística interna ou externa teria que atuar;

2. O português não-padrão brasileiro seria o resultado da transferência de traços do substrato africano injetados nas variedades do português e da manutenção de traços intermediários no processo de aprendizado do português pelos africanos;

3. Provavelmente, no final do século XVII, já havia um contínuum de variedades da língua portuguesa no Brasil, contínuum que poderia ser rotulado de Português Vernáculo Brasileiro.

3.1 Na extremidade mais reestruturada desse contínuum, encontrava-se o falar dos escravos trazidos da África e que teriam vivido por tempo suficiente no Brasil para aprenderem o português vernáculo brasileiro como segunda língua;

3.2 As variedades intermediárias seriam faladas pelos escravos e libertos já nascidos no Brasil que viviam no campo e nas regiões de minas;

3.3 No extremo menos reestruturado estariam as variedades faladas pelos escravos domésticos e pelos brancos que viviam em áreas rurais.

Para tornar esse modelo mais abrangente, tem que se levar em conta que já no Brasil – colônia, e mais ainda durante o império, não havia somente “escravos” de ascendência africana; havia os libertos e os aquilombados, vivendo em comunidades mais ou menos isoladas, como a comunidade do Rio das Rãs (Bahia) ou a comunidade de Vila Bela (Mato Grosso). Em que parte desse contínuum (+/- reestruturado) se situariam os falares respectivos ?¹⁸

¹⁷ Cf. por exemplo : MELLO, Heliana R., 1999, o.c.

¹⁸ Cf. COUTO, a linguagem do Quilombo dos Palmares, PAPIA vol. 2, n°1, (1992)

Algumas pistas

Para a Bahia, e mais particularmente para o Recôncavo e a cidade de Salvador, Yeda Castro (2001, 2005) propõe os seguintes níveis de integração, que representam elos entre as línguas africanas e as variedades do português arcaico que foram faladas no Brasil, apontando para possíveis caminhos de acomodação e de percolação:

- 1. a linguagem religiosa dos candomblés, ou “língua-de-santo”;
- 2. a linguagem do dia-a-dia do “povo-de-santo”;
- 3. a linguagem popular da Bahia;
- 4. a linguagem das classes dominantes na Bahia;
- 5. o português do Brasil em geral

Um modelo mais geral, que poderia ser válido para o Brasil como um todo, teria que partir dos seguintes parâmetros:

1. a antigüidade da presença bantu nas áreas rurais do Brasil - colônia e imperial, áreas onde sempre foram maioria;
2. os eixos de acomodação e de integração no diassistema (i.e., na “gramática natural” dos falantes) de um lado, e do outro nos diversos falares dos diversos estratos da sociedade colonial (onde o peso do preconceito era tamanho que ele deveria, a princípio, ter impedido qualquer integração que fosse além da “língua de senzala”).

Os ambientes favoráveis à percolação tanto dos resultados da acomodação recíproca como das próprias lexias seriam :

- 1. o Brasil rural e peri-urbano, atualmente “rurbano”
- 1.1 a religiosidade popular (calunga, quizila)
- 1.2 a medicina popular (sendo que em muitos casos é difícil separar o que é religião do que é medicina) (caxumba, maculo, garapa, cotó, calombo)
- 1.3 os tabus lingüísticos (nomes dos órgãos sexuais, de partes do corpo, etc)
- 1.4 o mundo afetivo e as palavras de maior iconicidade (dengo, cafuné, xodó, chamego (?), caçula, moleque, cotoco, cafofo, cafua)
- 1.5 etc..(música, culinária, nome de plantas medicinais, etc.)

- 2. as populações urbanas marginalizadas
- 2.1 a língua dos malandros (cambada, camará, muamba, muzenza, ginga)
- Etc..

Acomodação e/ou convergência

Para os pesquisadores que trabalham com o conceito de acomodação para analisar as conseqüências lingüísticas do contato de línguas (a “mescla”), esse fenômeno tem as seguintes características gerais (com referências, da parte de alguns autores, à chamada Gramática Universal, ou então aos “Universais lingüísticos”)¹⁹ :

- é a estrutura mais “simples” (ou “menos marcada”, mais próxima da GU ?) que tende a se impor;
- é a estrutura mais “informativa” (mais “pertinente”? mais “distintiva” ?) que tem mais chances de se firmar;
- entrando as duas em conflito, este conflito é resolvido nos moldes do que propõe a Teoria da Otimalidade.

Usamos “convergência lingüística” e “acomodação lingüística” como se fossem sinônimas; para a maioria dos autores, de fato são sinônimas, ainda que se possa pleitear que seria melhor:

- falar em convergência quando as duas (ou mais) línguas em contato mudam concomitantemente, o que poderia levar ao surgimento de uma nova língua que seria uma espécie de “meio termo” (seria o caso do inglês, que se formou a partir da mescla entre dialetos célticos e anglo-saxônicos, e o dialeto românico falado pelos Normanos).
- falar em acomodação quando o contexto é de língua dominante/língua dominada, e que somente a língua dominada muda, se “adaptando” à língua dominante (caso dos falares alsacianos, ou dos dialetos germânicos falados no Brasil).

¹⁹ Cf. CLEMENTS, o.c., MIGGE, o.c., THOMASON, o.c., entre outros.

Para tentar entender o que aconteceu no Brasil, na formação do vernáculo brasileiro, propomos alguns exemplos de acomodação e de integração das línguas bantu ao novo diassistema, levando até certo ponto à convergência (i.e., a língua dominante também muda, pelo peso numérico dos falantes da variedade dominada)²⁰ :

- ditadura da estrutura silábica (cv) cv (cv), característica compartilhada pela maioria das línguas bantu que foram representadas no Brasil e pelo próprio português:

cruz → curuzu (bairro de Salvador)

- apagamento do sistema tonal; contudo, a presença de oxítonos (bambá, cotó) merece ser investigada

- “integração” dos prefixos de classe, que em alguns casos conservam durante algum tempo a carga semântica (ka-olho → caolho, zarolho/zanolho (?)), mas perdem a função morfossintática

- os outros prefixos subsistem concatenados à base (**kitanda**, **kizila**, **molambo**, **muamba**, **kalango**), ou são apagados (bambá, bamba)

- no caso da nasal do complexo NC, queda (gongo) ou epêntese (**ingongo**)

Tomaremos como exemplo uma das raríssimas ocorrências de transcrição de falas de africanos na literatura brasileira; encontra-se em Júlio Ribeiro (A Carne, 1888, p.60 editora Ática, 1998)²¹ :

- “Zelómo, disse Joaquim **Cambinda**, ussê pensô bê nu quê ussê vai fazê, Lapássi?
- Pensô, **mganga**.
- Intonssi, *ucê qué mêmo si rissa ni rimánari ri San Migué rizáma ?*”

(se alistar na irmandade de São Miguel das Almas)

Ou seja :

²⁰ Para mais dados a esse respeito, cf. o artigo : KEMPF C.B., Os brasileirismos de “origem desconhecida” e as lexias e expressões de origem africana num levantamento do léxico de ‘nordestinos pioneiros em Guajará-Mirim’, PAPIA 19, 123-140

²¹ Um projeto de levantamento de todas essas ocorrências na literatura brasileira está sendo desenvolvido por Tânia Alkmin (comunicação oral)

Gerônimo → Zelómo [ze'lɔ̃mɔ]

Você → ussê [u'see]

Pensou → pensô [pen'soo]

Bem → bê [bee]

No → nu [nu]

Vai → vai [vaj]

Fazer → fazê [fɛ'zee]

Rapaz → lapássi [lɛ'paasi]

[u'see#kɛɛ#meemɔ#sɪ#hɪ'saa#

Você quer mesmo se alistar Quer → qué [kɛɛ]

nɪ#hɪ'maanɛɪ#hɪ#san#mɪ'gɛɛ#hɪ'zaamɛ]

na irmandade de São Miguel das almas

São nítidas, nesse exemplo de fala “a mais re-estruturada” (ponto 3.1 acima), as manifestações da acomodação lingüística; neste caso, já que se trata de um falante que teria chegado adulto no Brasil, é o vernáculo brasileiro que se vê “acomodado” às supostas restrições da fonologia da língua “nativa” do falante : [ʒ] => [z] (*zelómo*), [x] => [l] (*lapássi*), desnasalização (*bê* por *bem*), etc. Mas aparecem também traços morfológicos que poderiam ser interpretados como sendo resquícios do sistema de classes nominais que caracteriza as línguas bantu: ... *ni rimánari ri San Migué rizáma*, onde um morfema *ri-* representaria o morfema de concordância de classe (*rissá* por “alistar” pertence à categoria da acomodação fonológica). Outros traços

pertencem – e no fim do século XIX muito provavelmente já pertenciam – às características do vernáculo brasileiro : supressão dos proparoxítonos (*Zelómo* por Gerônimo), apagamento da final do infinitivo (*qué* por quer, *fazê* por fazer, etc.), epêntese para contemplar a estrutura fonotática (cv)cv(cv) (*lapássi* por rapaz), etc.

Os exemplos de convergência do português brasileiro são polêmicos, porque são aqueles mesmos usados para sustentar a teoria da prévia criouliização (regra de pluralização, simplificação das conjugações, etc.). Daremos um exemplo só de paralelismo intrigante entre uma estrutura de enunciado corriqueiro nas línguas bantu, que está se generalizando no vernáculo brasileiro:

- PVB : *cadê a cueca ? – **tá lavando***; ou: “**a casa já pintou !**”²²
- kiswahili : **kitanda kinalalika vizuri** (var.: nzuri) lit.: *a cama (se) dorme bem* ; i.e, *nesta cama se dorme bem*.

Ou seja: o “sujeito” (marcado pelo morfema de concordância ki- para o kiswahili, e pela posição no caso do vernáculo brasileiro) não é o agente.

Acomodação e percolação

Entendemos por percolação o fato de que esse léxico e essas estruturas bantu “acomodados” conseguem, sob a pressão do número de falantes, da freqüência do uso, do contato entre os falantes das diversas variedades e dos contextos de uso compartilhados, romper as barreiras de classe e os preconceitos, e se “infiltrar” até alcançar a fala coloquial da classe dominante, a literatura e os dicionários.

Assim, numa pesquisa feita em Guajará-Mirim²³ com informantes cearenses da terceira idade, foram levantadas cerca de 100 lexias

²² Ou, ainda, lembrar Clara Nunes cantando : “Meu sapato já furou, minha roupa já lascou...”

²³ Cf. nota 17

possivelmente de origem africana, na sua maioria bantu, num conjunto de cerca 700 lexias rotuladas como sendo “nordestinas”.

Vale ressaltar que no ecossistema lingüístico de origem dos informantes, aparentemente a presença de populações de origem africana é reduzida; essa impressão de “coisa estranha”, “fora do lugar”, é reforçada pelo racismo e os diversos preconceitos manifestados no discurso dos informantes a respeito dos “negros”. Basta reler João Guimarães Rosa para se ter uma representação do peso deste racismo nos sertões... Apesar disso, as lexias “percolaram” e hoje são rotuladas como “nordestinas”.

Conclusão e perspectivas

Por enquanto, o projeto relativo ao levantamento de vocábulos de origem africana em diversos socioletos está empenhado em cumprir, entre outras, as seguintes tarefas:

1. levantar todas aquelas lexias que já se tornaram “bem comum” de todos os falantes do brasileiro, cunhadas como “brasileirismos” pelos dicionários, analisando e conferindo as propostas de etimologia.
2. conferir, discriminar e tentar explicar os regionalismos.
3. levantar,
 - na língua do(s) povo(s) de santo
 - na(s) língua(s) dos “malandros”
 - nos falares dos quilombolas
 - etc.,

as lexias de possível origem africana, as expressões resultando de calques (“Lehnübersetzung”) e as estruturas sintáticas e morfológicas remetendo à línguas africanas, para subsequente análise e discriminação.

Isso implica, **em sincronia**: levantar a presença/ausência de lexias, expressões e estruturas de origem africana, e em especial bantu, em diversos dialetos, sociais, regionais e locais (remanescentes de quilombos, por exemplo), considerando os parâmetros labovianos (sexo, idade, classe social,

nível de formação, oposição rural/urbano, hoje “rurbano”) e integrando a abordagem desenvolvida por Bourdieu (capital social, intelectual, cultural, capital linguístico, mercado linguístico) e a abordagem da dialetologia, ao se valer da noção de “consciência linguística”.

Em diacronia, apelar para uma maior colaboração entre historiadores, antropólogos e etnolinguistas, considerando os dados históricos disponíveis quanto à formação do povo brasileiro, levando em conta disparidades regionais²⁴ e disparidades sociais.

No Brasil, o levantamento de dados a respeito da contribuição africana à formação dos falares brasileiros deve permitir resgatar a memória social e a história da formação do Brasil, longe das ideologias oficiais e da pretensa unidade lingüística da lusofonia baseada exclusivamente na contribuição européia.

A língua, desta maneira se torna também um dos lugares da memória coletiva de um povo – o que poderia parecer óbvio, se não fossem sistematicamente ocultadas e/ou negadas pela ideologia dominante as contribuições e mudanças que os dominados “injetaram” na língua dominante; o que faz do linguista também um arqueólogo...

Referências Bibliográficas

- ANGENOT, J-P., JACQUEMIN, J-P., VINCKE, J., 1974. *Répertoire des vocables brésiliens d'origine africaine*. Lubumbashi, CELTA.
- BARBERY, Noely de Oliveira, 2004. *O ecossistema lingüístico em Guajará-Mirim/RO: a fala dos imigrantes bolivianos e a hipótese da interlíngua*. Dissertação de mestrado, UNIR/RO, Campus de Guajará-Mirim.
- BOURDIEU, Pierre, 2000. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli, 5. ed., *A economia das trocas simbólicas*, SP, Perspectiva.
- BOURDIEU, Pierre, 1993. *La misère du monde*. Paris, Seuil
- CARDOSO, S. A. Marcelino et al. Orgs. 2006. *Quinhentos anos de História Lingüística do Brasil*. Salvador: Funcultura.

²⁴ cf. entre outros, Darcy Ribeiro, "A invenção do Brasil" e "O povo brasileiro"; como também Reis, Lucchesi, Clovis Moura, etc.

- CASTRO, Yeda Pessoa, 2005, *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*, 2. ed., Rio de Janeiro: Topbooks.
- CLEMENTS, J. Clancy, 1996, *The genesis of a language: The formation development of Koralai Portuguese*, Creole Language Library 16, xviii, 282 pp.
- COMRIE, Bernard, 1981, 1989, *Language Universals and Language Typology*, Chicago, University of Chicago press.
- COULMAS, Florian, ed., 2000, *The handbook of sociolinguistics*. Blackwell Handbooks in Linguistics 4, Oxford, Blackwell
- COUTO, H.H. de, 2003. Resquícios de africanismos lingüísticos no Brasil, *PAPIA* 13: 125-135. [com a sua bibliografia]
- FIORIN, José Luiz e PETTER, Margarida (orgs). 2008. *África no Brasil, a formação da língua portuguesa*. SP, Contexto.
- HOLM, John, 1994, A semi-crioulização do português vernáculo do Brasil: evidência de contato nas expressões idiomáticas, *PAPIA*, vol. 3 n° 2.
- HORTA, José Nunes & PETTER, Margarida (orgs.), 2002, *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Pontes.
- IDIATA, D. F., 2004, *Éléments de psycholinguistique des langues bantu: la question du sémantisme des classes nominales du point de l'acquisition du langage chez les enfants*, Paris : L'Harmattan.
- LAZARD Gilbert e MOYSE-FAURIE Claire (eds.), 2005, *Linguistique typologique*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion
- LIPSKI, John M, 1989, *The speech of the negros congos in Panama*, Creole Language Library 4, vii, 159 pp.
- LOPES, Nei, 2003, *Novo Dicionário Banto do Brasil*, RJ, Pallas.
- LOPES, Nei, 2004 *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. SP Selo Negro.
- LOPES, Norma da Silva, 2003, Perda ou aquisição no português brasileiro? in: *PAPIA* 13, p.150-156.
- MEGALE, Heitor (org.), 2000, *Filologia bandeirante, estudos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP
- MELLO, Heliana R., 1999, Contato lingüístico na formação do português vernáculo do Brasil, in *PAPIA* 9, 10, pp.
- MELLO, Heliana., 2008, Modelos de formação da língua nacional sob a perspectiva do contato de populações. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 295-314
- MIGGE, Bettina, 2003, *Creole Formation as Language Contact: The case of the Suriname Creoles*, Creole Language Library 25, xii, 151 pp.
- MOLLICA , Maria Cecília, & BRAGA, Maria Luiza (orgs) 2003: *Introdução a sociolingüística, o tratamento da variação*, SP Contexto.

- MOUS, Maarten, 2003, *The making of a mixed language: the case of Ma'a/Mbugu*, Creole Language Library 26, xx, 322 pp.
- MUFWENE, Salikoko. 2007. *Population movements and contacts in language Evolution*. *Journal of Language Contact*, THEMA 1 (2007), www.jlc-journal.org, pp63-91.
- NOUGUIER VOISIN, Sylvie, 2005, Antipassif et langues accusatives, in: LAZARD & MOYSE-FAURIE, eds, *Linguistique typologique*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion.
- PÓVOAS, Ruy do Carmo, 1989, *A Linguagem do candomblé*, RJ José Olympio
- RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1998.
- RODRIGUES, Aryon D., 1996, *As línguas gerais sul-americanas*, in: PAPIA, 4(2), p.6-18.
- SEIDL, A. & DIMITRIADIS, A., 2003, *Stative and reciprocal morphology in Swahili*, in : SAUZET & ZRIBI-HERTZ, eds, *Typologie des langues d'Afrique & Universaux de la grammaire*, vol.1, Paris, L'Harmattan.
- SILVA, Luiz Antônio da (org), 2005, *Português: história, variação e discurso*, São Paulo, Globo.
- TARALLO, Fernando & Tania ALKMIN (1987). *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ática. 142 pp.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2000.
- TEIXEIRA, M.A.D., & FONSECA, D.R.de, 2001, *História regional (Rondônia)*, 2.ed., Porto Velho, Rondonia.
- THOMASON, Sarah G. (ed.) *Contact languages: A wider perspective*, Creole Language Library 17, 1997. xiii, 506 pp.
- TRUDGILL, Peter, 1995, *Sociolinguistics, an introduction to language and society*, London, Penguin Books.
- VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: *A herança sociológica*. Educ. Soc., Campinas, v. 23, n. 78, Apr. 2002. Disponível em: revista@cedes.unicamp.br
- VIARO, Mário Eduardo, 2005, *Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas*, in: SILVA, Luiz Antônio da (org), 2005, *Português: história, variação e discurso*, São Paulo, Globo. pp 211-252.
- VOGT, Carlos & Peter FRY (1996). *Cafundó, a África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo: Schwarcz Ltda. 373 pp.
- WARDHAUGH, Ronald, 1998, *An introduction to sociolinguistics*,. Oxford, Blackwell
- WINFORD, Donald, 2003, *An introduction to contact linguistics*, Oxford, Blackwell.



Revista Eletrônica Língua Viva

ZIMMERMANN, Klaus, ed., 1999, *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*, Bibliotheca Ibero-Americana Vol. 66, Alemanha, Espanha; Frankfurt, Madrid : ed Vervuert, Iberoamericana.